

O Papa é Pop: a abordagem mítica de francisco na mídia via jornalismo literário: uma análise com base na estrela de sete pontas da reportagem “a revolução delicada do papa francisco”, publicada pela Revista Rolling stone EUA

Cláudia Nandi Formentin & Marília Koenig

...

E-mail: maiam_78@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende abordar, por meio dos estudos do jornalismo literário e do mito, o fenômeno midiático ocorrido a partir da posse do cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio (com 76 anos na época) ao maior cargo da Igreja Católica em 13 de março de 2013. Ele é o primeiro latino americano e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. Seu antecessor, papa Bento XVI, renunciou alegando não ter condições de liderar a igreja em meio a várias crises enfrentadas em seu papado. É nesse contexto que se apresentam as questões problemas do artigo aqui

apresentado: o texto aqui analisado constitui uma narrativa mítica? Das sete características inerentes às abordagens do Jornalismo Literário (Pena, 2013), quais se fazem presentes na reportagem ora analisada? Em torno dos objetivos propostos, pode-se afirmar, com base em Barthes, que essa matéria dá conta da finalidade indireta/secundária das abordagens jornalísticas: construir e manter mitos por meio da evidência que dá a personalidades proeminentes, em sociedade.

Palavras-chave: jornalismo literário; mito; Papa Francisco.

Abstract

This paper intends to approach, through studies of the literary journalism and the myth, the media phenomenon occurred from the occupancy of the highest position on the Catholic Church by Argentinian cardinal Jorge Mario Bergoglio (at the time, 76 years old), in March 13, 2013. He is the first Latin-American, and the first Jesuit to assume this position. His antecessor, Benedict XVI, renounced

on the allegation of being out of conditions in leading the Church amidst the several crisis faced in his papacy. It is in this context that are presented the problem-questions of this paper: the analyzed text constitutes a mythical narrative? Of the seven characteristics inherent to the approaches of the Literary Journalism (Pena, 2013), which are present in the report analyzed? Around the proposed objec-

Data de submissão: 2017-10-05. Data de aprovação: 2017-12-04.

A *Revista Estudos em Comunicação* é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *Comunicação, Filosofia e Humanidades (LabCom.IFP) UID/CCI/00661/2013*.



tives, based in Roland Barthes, we can affirm that this report handles the indirect/secondary finality of the journalistic approaches: constructing and maintaining myths through the evidence that gives to distinguished personalities – in society.

Keywords: literary journalism; myth; Pope Francis.

Introdução

O presente trabalho pretende abordar, por meio dos estudos do jornalismo literário e do mito, o fenômeno midiático ocorrido a partir da posse do cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio (com 76 anos na época) ao maior cargo da Igreja Católica em 13 de março de 2013. Ele é o primeiro latino americano e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. Seu antecessor, papa Bento XVI, renunciou alegando não ter condições de liderar a igreja em meio a várias crises enfrentadas em seu papado.

Já no início o Papa Francisco fez escolhas que privilegiaram a simplicidade, como a de se manter na casa em que ficou hospedado durante o conclave, ou a escolha de seu nome, uma homenagem a São Francisco de Assis conhecido pela vida simples. Fato esse que criou um clima de aproximação com a comunidade católica. Eventos de semelhante importância se repetiram até a presente data, todas noticiadas pela grande imprensa.

É nesse contexto que se apresentam as questões problemas do artigo aqui apresentado: o texto aqui analisado constitui uma narrativa mítica? Das sete características inerentes às abordagens do Jornalismo Literário (Pena, 2013), quais se fazem presentes na reportagem ora analisada?

Para responder a tais perguntas, estabeleceu-se como objetivo geral analisar se a abordagem jornalístico-literária ora exposta diferencia o Papa Francisco de outros pontífices, seus predecessores, aqui, especificamente, via Jornalismo Literário, mitificando-o, por essa razão. Como objetivo específico, pretende-se perceber, na matéria “A revolução delicada do Papa Francisco”, publicada pela revista Rolling Stone Estados Unidos em janeiro de 2014, e destacada no site da publicação no Brasil, quais as características (baseada na metáfora da estrela de sete pontas, de Pena (2013)) estão nela presentes.

Para realizar tal análise, selecionados especialmente foram utilizados como escopos teóricos os pressupostos de Pena (2013) e Barthes (2003).

1. Mito e imaginário coletivo na mídia

A existência humana na Terra é marcada pela necessidade de explicar fenômenos que intrigavam os homens. Nesse sentido os mitos não são uma invenção moderna, remontam as civilizações que ainda não tinham na ciência uma área desenvolvida em sua cultura. No entanto, não é possível afirmar que os mitos foram esquecidos nas civilizações mais antigas. Foi a transformação no modo de tratar sobre o tema que mudou e permitiu que o mito chegasse a atualidade.

Os recursos da imagem e da fantasia dos mitos abrem para a consciência, o acesso ao inconsciente coletivo que nada mais é do que aquilo que herdamos das vivências das gerações passadas.

Ninguém ignora que a mitologia é um tecido fantástico de fantasias que, algumas vezes, parecem verdade, outras, soam como absurdas, sem lógica. Assim, o inconsciente coletivo expressaria a identidade de todos os homens independente da época e do lugar em que viveram. O inconsciente coletivo não se manifesta de forma conceitual ou verbal; ele se faz através de símbolos (Brunel, 1998).

Em quase todas as narrativas mitológicas, a presença do herói é marcante. Nestas situações, o herói consegue se controlar mesmo em momentos adversos, passa por obstáculos difíceis ou quase intransponíveis para os mortais e realiza façanhas que trazem o bem para a coletividade.

É possível observar, ao longo da história da humanidade, que os povos, em geral, têm uma certa necessidade de criar mitos, com finalidade de explicar contradições, paradoxos, dúvidas, inquietações e até mesmo para justificar conceitos morais vigentes, em determinada época. O mito é o lugar onde o objeto é criado partindo de uma pergunta e de sua resposta, a partir de sua mais profunda natureza um objeto se torna criação.

Os mitos também procuram mostrar os exemplos de conduta, positivos ou negativos, que devem ser ou não seguidos pela sociedade. Nesse sentido Martinez (2008) aponta para o que Joseph Campbell chama de função pedagógica do mito. Tal definição “permite ao leitor que imerge na história de um indivíduo relacioná-la à própria trajetória, tirando ensinamentos que pode utilizar em sua própria existência” (Martinez, 2008, p. 38-39).

Barthes (2003, p. 200), a seu turno, afirma que o mito não pode “ser um objeto, um conceito ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma”. O autor afirma isto, pois, para ele, o mito é uma fala, porém, não qualquer fala. Esta fala, à qual se refere o filósofo francês, é uma mensagem, portanto, não necessariamente oral; “pode ser formada por escritas ou representações: o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir de apoio à fala mítica” (Barthes, 2003, p. 200).

E já que o mito é uma fala, afirma Barthes (2003, p. 199) “tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso”. Segundo o autor nada pode proteger-se do mito, e é a língua que oferece fraca resistência a ele, é ela, a linguagem, que mais frequentemente é roubada por ele. Poder-se-ia dizer, então, que o mito é tudo aquilo que escapa à linguagem discursiva que foge da lógica e da razão. São várias vozes sociais que acabam se encontrando nos mitos: questões familiares e de relacionamento, religião, dentre outros se encontram em torno de um mito.

Nesse sentido, pode-se perceber que os enunciados não apenas refletem a expressão de algo que já existe em seu exterior e pronto. Cria-se algo novo e singular, que se relaciona com algum valor (verdade, bondade, beleza, dentre outros), mas que não foi criada do nada. Ela já parte de algo existente na sociedade. Até porque a partir do momento em que não esperamos nada da palavra além do que já sabemos que ela pode nos oferecer, não há mais diálogo e a palavra se “coisifica”.

Os veículos de comunicação de massa criam mundos mítico-simbólicos em que os seres humanos possam projetar os seus sonhos, medos e fantasias.

O mito, nesse contexto, molda a vida das pessoas mesmo quando elas não se apercebem disto. No centro de um grande número de mitologias existe um símbolo, uma imagem arquetípica que

traça o caminho da mitologia que, por sua vez, molda a vida das pessoas que entram em contato com ela.

Quando se pergunta onde os mitos estariam hoje, Bricout responde que eles estão em todos os lugares, mas, ao mesmo tempo, são clandestinos. “Está aí e, no entanto, ninguém o reconhece” (Bricout, 2003, p. 14). A autora (2003, p. 15) ainda comenta que durante a Antiguidade o mito, em princípio, “era um espetáculo ritual, mimado, ritmado, cantado, contado, figurado, constituindo-se na suprema referência para as leis religiosas da tribo, do clã e da cidade, hoje ele se oferece a nós muito mais como um teatro de sombra”.

O mito contemporâneo, no pensamento de Barthes (1977, p. 11), “é desconstituído: ele não se enuncia mais em grandes narrativas constituídas, mas somente em ‘discurso’; é quando muito uma fraseologia, um corpus de frase (de estereótipos); o mito desaparece, mas permanece, tanto mais insidioso, o mítico”. Nesse sentido, os mitos não param de aparecer e, por isso mesmo, a cada dia surge um novo modelo a ser seguido.

Como se pode vislumbrar, no entendimento das pesquisadoras, na abordagem jornalístico-literária ao Papa Francisco, conforme se intenta destacar na análise que segue. E é justamente essa intersecção entre os dois gêneros discursivos aqui abordados (Literatura e Jornalismo) que iremos destacar no item que segue.

2. Literatura e jornalismo: a palavra como ponto de convergência (e divergência)

A relação entre Literatura e Jornalismo, ao longo do tempo, tem sido alvo de diferentes opiniões. A questão é cercada de muita polêmica, devido à rivalidade que se travou a partir da concepção de que a prática jornalística seria uma espécie de prostituição das letras.

No escopo do Jornalismo Literário, entretanto, a relação parece pacificar-se. Os fatos cotidianos passam a receber, nesse entregênero (entre a abordagem do referente própria ao Jornalismo e o aprofundamento e humanização inerentes ao texto literário) um tratamento que ultrapasse os simples acontecimentos corriqueiros. A adjetivação, malvista nas abordagens jornalísticas factuais, passa a ser recurso largamente usado no Jornalismo Literário.

No artigo *O labor da pena*, Santos (2001, p. 02) destaca os diferentes posicionamentos adotados por jornalistas, escritores e críticos. Essas concepções fomentam o debate sobre a relação entre Jornalismo e Literatura. Nessa conjuntura, as opiniões variam desde a ampla aceitação da correlação entre essas atividades, como enfatiza Drummond, à crítica radical.

A Literatura, e em especial o romance, se ocuparia com as temáticas sociais, com os conflitos da sociedade (Lucas, 1985), não estando condicionada à pressão do tempo. Segundo os que veem tal confluência como improdutiva, a Literatura estaria menos ligada aos interesses do dirigente do veículo e das classes dominantes, ao contrário do Jornalismo.

Galeno (2002) destaca que o Jornalismo diário (*diurnalis*) não poderia deixar de tratar dos fatos do dia a dia. Porém, não deveria descuidar de sua linguagem e dos recursos que ela pode oferecer, para melhor informar. A Literatura, nesse cenário, configura-se como um meio de evitar que a imaginação jornalística se transforme em mero exercício retórico e enfadonho no relato dos fatos do cotidiano.

Cabe ainda destacar a afirmação de Carlos Drummond de Andrade (*apud* Santos, 2002, p. 04). Além de ser “a escola da clareza e da concisão”, o jornal, para o poeta, ‘proporciona o treino diário, a aprendizagem continuamente verificada, não admitindo a ‘preguiça’ o que é o mal do literato entregue a si mesmo”.

Neste trabalho, evidentemente, adotaremos esta corrente, que vê como positiva a confluência entre os dois gêneros: o Jornalismo Literário. No item a seguir, falaremos sobre a metáfora da estrela de sete pontas (Pena, 2006; 2013), a qual norteará a análise de uma matéria que traz características literárias.

2.1. Ferramental para análise: a estrela de sete pontas, jornalismo literário (Pena, 2013) e o conceito de mito

A matéria a ser analisada tem como título “A revolução delicada do Papa Francisco”, publicada pela revista Rolling Stone norte americana em janeiro de 2014, será utilizada a metáfora da estrela de sete pontas trabalhada por Pena (2013), a qual define as características primordiais do Jornalismo Literário.

Este, para Pena, é uma corrente dentro do próprio Jornalismo que traz algo a mais para o texto. A proposta é

potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (Pena, 2013, p. 13)

Em torno do Jornalismo Literário, Pena ressalta que a confluência Jornalismo + Literatura operou, no campo das notícias, uma “transformação expressiva e informacional” (Pena, 2013);

Por serem dois gêneros diversos, as abordagens tidas como literárias possibilitam a ambos beber nas fontes um do outro. Percebe-se, por assim dizer, maior apuração, humanização e diversificação de fontes. O que é possível vislumbrar a seguir na matéria sobre o Papa Francisco.

Historicamente, as abordagens com as “sete pontas” tiveram seu marco no movimento denominado Novo Jornalismo. Este nasceu nos Estados Unidos na década de 1960. Influenciou diretamente o fortalecimento nas redações. A proposta era ampliar o foco das reportagens, trazer algo mais, sair do óbvio, buscar novas fontes de informação. A tendência surgiu a partir da insatisfação dos jornalistas com o modelo excessivamente objetivo, engessado e informacional trazido pelo advento do *lead*. Biografias, perfil, romance-reportagem e ficção jornalística são gêneros resultantes da intersecção entre o Jornalismo e a Literatura.

A seguir, pontuaremos passo a passo as sete pontas da estrela destacadas por Pena (2013), explicando-as para, em seguida promover a análise da reportagem “A revolução delicada do Papa Francisco”.

2.2. A estrela de sete pontas detalhada

A primeira ponta indica a necessidade, nas abordagens literárias, de potencializar os recursos do Jornalismo: aqui, o repórter não ignora tudo o que aprendeu, mas amplia técnicas, desenvolve

mais a temática trabalhada. Para tanto, é importante ler sempre, saber do assunto que se vai tratar, apurar rigorosamente o tema, observar detalhes que podem contribuir, ser ético, ter uma expressão clara e revisar cuidadosamente o material.

A segunda dá conta de ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, o que significa romper com duas características básicas, a periodicidade e a atualidade. No escopo do Jornalismo Literário, tanto um fato ocorrido hoje quanto algo que aconteceu há 100 anos podem ter a mesma atenção. Por esse motivo, o *deadline*, aqui, não é prioridade. O foco é a informação de maneira ampla.

A terceira ponta da estrela convida o jornalista a proporcionar a seu interlocutor uma visão ampla da realidade, contextualizando a informação de forma ampla. Nesse cenário, cabe sempre trazer dados, fazer relação entre fatos e diferentes abordagens, localizando-as em um espaço temporal de longa duração.

A quarta ponta exige que a abordagem contribua, de algum modo, a cidadania, conceito que deve sempre pautar o trabalho do profissional. Aqui, a humanização e a personalização da pauta contribuem para gerar, no interlocutor, maior identificação. É índice do compromisso do Jornalismo com a sociedade; perguntar a quem interessa? Por isso, muitas vezes, abordagens literárias têm seu foco no cidadão comum, naquele que mais precisa de apoio e não tem voz.

Já a quinta ponta da estrela indica a necessidade de romper com o *lead* (ou cabeça de matéria, o qual faz com que as informações mais relevantes acerca de um tema sejam dadas no primeiro parágrafo da matéria, respondendo às questões: o que, quando, onde, por que, quem e como). Deixando de lado a padronização, dá-se vez à criatividade. Buscar estilo, mas com elegância, evitando excessos. Essa ponta da estrela é determinante, para Pena (2013), ao objetivo de trazer a forma literária para a construção do texto.

A sexta ponta lembra sobre a importância de, em abordagens do Jornalismo Literário, evitar os definidores primários. Cabe ao repórter, aqui, deixar de priorizar as fontes oficiais ou daquelas que sempre aparecem para falar. Para tanto, é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, as fontes anônimas que podem trazer algo a mais.

A última ponta da estrela é a perenidade. Pena (2013) destaca que uma obra do Jornalismo Literário não pode ser superficial, sendo imprescindível aprofundar o tema. O objetivo é a permanência de um tema bem articulado, complexo e bem explicado.

A seguir, tendo a estrela de sete pontas como critério de análise, avaliaremos a reportagem citada, considerando-a uma abordagem jornalístico-literária.

O Papa é pop: análise da matéria “a revolução delicada do papa francisco”, publicada pela revista Rolling Stone

A fim de realizar um recorte alusivo à questão que ora são abordadas, as pesquisadoras escolheram a referida matéria relativa ao Papa Francisco publicada na edição de janeiro de 2014 da revista Rolling Stone.

A revista, em geral afeita a divulgar personalidades e questões próprias do show business, dedica capa e reportagem principal a destacar o Papa Francisco como um “revolucionário pacífico”, como veremos a seguir.

O Papa é Pop: a abordagem mítica de francisco na mídia via jornalismo literário: uma análise com base na estrela de sete pontas da reportagem “a revolução delicada do papa francisco”, publicada pela Revista Rolling stone EUA

Segue a matéria, conforme publicação no site da Rolling Stone Brasil sobre a capa com o Papa Francisco. Enquadraremos a análise das sete pontas da estrela (Pena, 2006; 2013) no decorrer da matéria/ objeto deste trabalho. Os estudos do mito também sustentarão a referida análise. Vamos a ela.

Figura 1. capa da Rolling Stone EUA, jan. 2014



A matéria “A revolução delicada do Papa Francisco”, (bem como a capa alusiva), conforme se espera de uma abordagem com ares literários, começa de modo não convencional:

Sarah Palin [*integrante do Partido Republicano, apresentadora e comentarista política na TV*] descreveu o Papa Francisco como "meio liberal". Rush Limbaugh [*apresentador de rádio e comentarista político*] já chegou a usar a expressão "puro Marxismo" para descrever a ideia do pontífice de que a “cultura da prosperidade” moderna amorteceu as pessoas em relação à miséria dos pobres.

Nesse trecho da matéria, podemos perceber que tanto o exercício da cidadania quanto a quebra dos limites burocráticos do *lead* estão presentes, conforme preconiza Pena (2013). A necessidade de romper com o *lead* (ou cabeça de matéria, o qual faz com que as informações mais relevantes acerca de um tema sejam dadas no primeiro parágrafo da matéria, respondendo às questões: o que, quando, onde, por que, quem e como). Deixou-se de lado a padronização, dando vez à criatividade, já que as perguntas do *lead* são respondidas somente no segundo parágrafo do texto, o qual segue:

A *Rolling Stone EUA* mandou o editor contribuinte Mark Binelli para o Vaticano para pintar um retrato de Sua Santidade, um homem que nasceu como Jorge Mario Bergoglio, há 77 anos, em Buenos Aires, para a matéria de capa da mais nova edição da

revista. O que ele descobriu é que o Papa Francisco está fazendo mudanças notáveis na tradição do Vaticano, encarando questões políticas de frente e apresentando uma atitude mais inclusiva perante os direitos humanos – e que os católicos estão gostando disso.

O texto, embora curto, configura-se como literário, a nosso ver. Essa ponta da estrela, o rompimento com a burocracia do *lead*, é determinante, para Pena (2013), ao objetivo de trazer a forma literária para a construção do texto.

A matéria segue, e, no trecho subsequente, é possível vislumbrar duas pontas da estrela de Pena (2013): a ultrapassagem dos limites dos fatos e a contribuição para a cidadania, uma vez que se enuncia, por meio da fala de Mark Binelli, o caráter simples e agregador de Francisco. Como visto no referencial teórico, os mitos também procuram mostrar os exemplos de conduta que devem ser ou não seguidos pela sociedade. Aqui, está evidente o que Martinez (2008) aponta para o que Joseph Campbell chama de função pedagógica do mito. Tal definição “permite ao leitor que imerge na história de um indivíduo relacioná-la à própria trajetória, tirando ensinamentos que pode utilizar em sua própria existência” (Martinez, 2008, p. 38-39).

A dimensão mítica exercida na atualidade pelos meios de comunicação na criação de ícones (mitos) contemporâneos fica evidenciada no seguinte trecho: “E muitos outros conservadores questionaram os comentários dele a respeito de padres homossexuais – “Quem sou eu para julgar?”Então, quem é o Papa Francisco?”. Com base em Barthes (2003), poder-se-ia dizer, então, que o mito é tudo aquilo que escapa à linguagem discursiva que foge da lógica e da razão. São várias vozes sociais que acabam se encontrando nos mitos: questões familiares e de relacionamento, religião, dentre outros se encontram em torno de um mito, aqui, o do “papa do povo”.

A objetividade, tão preconizada nas abordagens do Jornalismo “tradicional”, não figura aqui, uma vez que a visão do jornalista Binelli é bastante evidenciada. Outro traço das abordagens do “entrelugar” entre o Jornalismo e a Literatura. O adjetivo “papa do povo” também da conta da quarta ponta da estrela.

Em menos de um ano de papado, o Papa Francisco fez muito para se diferenciar dos anteriores e se estabelecer como um papa do povo. Ele optou por não morar no palácio papal, mas sim ficar na casa de visitas do Vaticano, ficando livre do isolamento imposto ao clero do Vaticano. Ele optou por circular pelo país em um Ford Focus, em vez de usar uma limusine com motorista. Ele paga as próprias contas de hospedagem e mantém seus compromissos. E, quando Binelli esteve na Itália, disse a uma congregação que estava enfrentando uma tempestade que gostaria de poder estar lá com eles. “E parecia que ele realmente estava sentindo isso”, disse Binelli.

No trecho seguinte, a matéria destaca que “Uma pessoa dentro do Vaticano comentou a forma como Francis escolheu privacidade e independência, diferente de seus antecessores”. Aqui, evidencia-se outra ponta da estrela: a que destaca a necessidade, de, nas abordagens do Jornalismo Literário, ter fontes diversas das oficiais (também denominadas definidores primários). Aqui, não fala um cardeal ou assessor de comunicação do Vaticano, mas alguém que, ao que parece, é alguém que não é tido por fonte oficiosa.

O caráter carismático e amigável de Francisco com relação ao antecessor fazem dele uma espécie de “herói”, mitificando-o.

O próximo trecho potencializa os recursos do Jornalismo (a primeira ponta da estrela), destacando que

Além de oferecer um ponto de vista mais amigável, em comparação a Bento XVI – seu antecessor, que foi o primeiro Papa a deixar o cargo em 700 anos, tinha uma visão bem menos flexível a respeito da homossexualidade e refutou as acusações de pedofilia feitas aos padres – o Papa Francisco começou a investigar possíveis corrupções dentro da igreja. Ele explorou maneiras de lidar com o problema da pedofilia, analisando possibilidades para tomar uma atitude e ajudar as vítimas.

Inclui-se, ainda, o compromisso com a cidadania, ao reforçar a visão de um papa engajado. Por essa e outras questões, destaca a matéria, “Francisco já está mudando a igreja de verdade por meio de suas ações e gestos simbólicos”, disse o Padre Thomas J. Reese, um analista sênior do veículo de tendência esquerdista *National Catholic Reporter*. “Ele poderia ficar sentado no escritório, estudando o cânone, e começar a mudar leis e regulamentações. Mas não é isso que as pessoas querem que ele faça.”. Reforça-se, aqui, a dimensão mítica em torno do Papa Francisco, ao qual, conforme visto no referencial teórico, atribuem-se características heroicas, mitificando-o.

Depois de conversar com especialistas no Vaticano e diante de uma biografia que mostra o quanto o Papa passou por dificuldades, antes de surgir como o favorito ao cargo, a *Rolling Stone EUA* apresenta o Papa como um homem ligado às tradições religiosas, por um lado, mas lutando para levar a igreja para uma nova era. Conforme a imagem da capa sugere, na frase que faz referência ao disco/música de Bob Dylan, “os tempos estão mudando”.

A missão do herói, assim como a perenidade (a sétima ponta da estrela (Pena, 2006; 2013) expressada na frase: “lutando levando a igreja para uma nova era”) é reforçado no último parágrafo da matéria, indicando que “os tempos estão mudando”, parafraseando Bob Dylan.

Considerações Finais

O Jornalismo, desde sua gênese, tem a missão de informar sobre uma realidade que não foi possível vislumbrar no momento em que aconteceu. Por seu estatuto de “discurso de verdade”, auxilia não somente na divulgação de fatos, como também (e em grande parte), em colocar em evidência as pessoas de destaque. Pelos princípios discursivos aos quais as abordagens jornalísticas estão submetidas, o que é noticiado é real, representando a realidade por intermédio da notícia. Cria conceitos e atualiza os mitos, na sociedade.

Nesse contexto, o Jornalismo Literário traz um “algo mais”. Ao trazer ao conhecimento um texto mais humanizado, com maior adjetivação, mais comprometido com a cidadania (até pelo maior tempo de que o jornalista dispõe para compô-lo, no caso de uma revista mensal) e menos rigor com relação à factualidade, auxilia na função de mitificar personalidades contemporâneas.

No caso do Papa Francisco, as notícias vêm a corroborar a ideia de ser ele um “papa do povo”, mais voltado às mazelas sociais e inclinado ao entendimento em torno de questões como

a homossexualidade, da maternidade dissociada do casamento e outras questões vistas com rigor por seus predecessores.

Em torno dos objetivos propostos, pode-se afirmar, com base em Barthes, que essa matéria dá conta da finalidade indireta/secundária das abordagens jornalísticas: construir e manter mitos por meio da evidência que dá a personalidades proeminentes, em sociedade. E isso se dá, conforme o teórico francês, pela via do discurso. Desse modo, o mito contemporâneo, no pensamento de Barthes (1977, p. 11), “é desconstituído: ele não se enuncia mais em grandes narrativas constituídas, mas somente em ‘discurso’; é quando muito uma fraseologia, um corpus de frase (de estereótipos); o mito desaparece, mas permanece, tanto mais insidioso, o mítico”.

Nesse sentido, portanto, os mitos são constantemente renovados e, por isso mesmo, a cada dia surge um novo modelo a ser seguido. O papa, no caso ora analisado, é o mito e modelo de conduta da vez, pela simplicidade e humanidade a ele peculiares, de acordo com a abordagem aqui exposta.

Desse modo, ao evidenciar a simplicidade do papa e sua conduta sensivelmente diversa à de seu antecessor, sobretudo, a abordagem jornalística da Rolling Stone aqui analisada pelo viés da estrela de sete pontas (Pena, 2013). A abordagem, embora breve porque publicada em plataforma digital (site da Rolling Stone), enquadra-se como materialidade da intersecção entre a Literatura e o Jornalismo.

Referências

- Barthes, R. (2003). *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel.
- Barthes, R. (1977). Mudar o próprio objeto. In C. A. R. do Nascimento (trad.), *Atualidade do mito*. São Paulo: Duas Cidades.
- Bricout, B. (2003). *O olhar de Orfeu: os mitos literários do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lucas, F. (1985). *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática.
- Martinez, M. (2008). *Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de história de vida em jornalismo*. São Paulo: Annablume.
- Pena, F. (2013). *Jornalismo Literário*. 2 ed. São Paulo: Contexto.
- Rolling Stone EUA. (s.d.). *A revolução delicada do Papa Francisco*. Disponível em: <http://rollings tone.uol.com.br/noticia/revolucao-delicada-do-papa-francisco-o-pontifice-e-capada-rolling-stone-euai/>. Acesso em 4 set. 2016.
- Romanini, V. (2004). *Mitos: por que precisamos deles?*. Terra. 144 ed.. Peixes. Abr.
- Santos, R. M. dos (s.d.). *O labor da pena: história e literatura no jornalismo latino-americano*. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/regma_santos.pdf. Acesso em 10 set. 2016.